

que êle, na bibliografia, cita diversos artigos publicados no IJAL (International Journal of American Linguistics), revista inteiramente dedicada aos assuntos de lingüística indígena americana.

O capítulo que trata do contacto entre o espanhol e o português com as línguas indígenas é, a nosso ver, bastante deficiente, sem a profundidade que êste assunto requer, principalmente no que diz respeito ao português do Brasil.

Não há dúvida, entretanto, que o *Catálogo* de Tovar, mesmo eivado de pontos discutíveis, e com o tratamento superficial dado a alguns aspectos abordados, é um manual utilíssimo para os estudiosos das línguas indígenas sul-americanas.

*Carlos Drumond*

DICK E. IBARRA GRASSO: *Lenguas Indígenas Americanas*. 135 págs., 3 mapas, 2 láminas, 6 grav. Editorial Nova. Buenos Aires, 1958.

A bibliografia sôbre o estudo das línguas indígenas americanas em conjunto foi acrescida com esta obra de Dick E. Ibarra Grasso, diretor do Museo Arqueológico de Cochabamba, Bolívia. O trabalho, parece-nos, não irá satisfazer plenamente os estudiosos do assunto, em face das idéias um tanto ousadas, mas que não deixam de ser interessantes, esposadas pelo autor. Preocupado principalmente com o problema da origem das línguas americanas, Ibarra Grasso, que se confessa partidário da tese de que tôdas as invenções e descobrimentos tiveram uma origem única, a ponto de ser definido como "o mais hiperdifusionista dos autores hiperdifusionistas" (pág. 126), procura demonstrar, e isto o faz de maneira nem sempre convincente, relações genéticas entre as línguas indígenas da América e da Oceânia.

Tendo por base estudos lingüísticos de Lafone Quevedo, norteando-se pelo sistema de classificação pronominal e pelos sistemas indígenas de numeração, assunto, aliás, de sua especialidade, o autor chega a conclusões interessantes sôbre o problema acima enunciado, mas que devem ser acatadas, assim o supomos, com as maiores cautelas.

Dentro dos nove capítulos em que está dividida a obra inúmeras são as afirmações de Ibarra Grasso que merecem reparos. À pág. 67, por exemplo, referindo-se ao território de origem da família caribe, assevera que não discute a opinião de que a língua bacairi seja a mais primitiva desta família (hipótese de Karl von den Steinen), mas nega que os caribes sejam originários do Alto Xingu, pois "representam en América a una de las capas de procedencia oceánica bastante reciente".

Tratando da família tupi-guarani, sem apresentar razões, prefere chamá-la simplesmente "guarani" (v. pág. 67 e mapa das principais famílias lingüísticas sul-americanas) e, também sem motivo, relaciona separadamente, dentro do rol das línguas principais desta família, o *tupi*, o *tupiniquin* e o *tupinambá* (pág. 67). Dentro da família *ge* (pág. 71) ao relacionar as principais línguas e dialetos que a integram, anota separadamente *savante* e *chavante* (simples variantes gráficas do nome tribal); inclui os *kaingang*, de filiação controversa, além de registrar o nome "*coroado*", o qual, como é notório, se aplica a diversas tribos indígenas do Brasil. A assertiva de que a família *bororo* compreende *numerosas* línguas e dialetos (pág. 71) parece ser um tanto exagerada.

Êstes são breves reparos, entre os muitos que podem ser feitos ao trabalho de Ibarra Grasso, o qual, é forçoso confessar, embora apresente teses das mais interessantes, deve ser encarado com as devidas reservas, dado o caráter hipotético de que se reveste a maior parte de suas conclusões.

*Carlos Drumond*